

APRESENTAÇÃO

GRUPO DE TRABALHO DE ESTÁGIO – GT/CE/UFRN II CICLO DE DIÁLOGOS UNIVERSIDADE E ESCOLA

Introdução

Desde meados de junho de 2020, quando o MEC assinou a portaria n. 544, de 16 de junho de 2020, que estabelece a possibilidade de retorno do estágio em modo remoto durante o período de pandemia, docentes integrantes do Grupo de Trabalho de Estágio (GT de Estágio), do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DPEC/CE/UFRN), reuniram-se para trazer à tona o debate sobre as implicações da realização, nesse formato, dos estágios supervisionados no âmbito das Licenciaturas da UFRN. Sabemos que muitos fatores devem ser levados em consideração antes de nos lançarmos a um modelo de trabalho cujas consequências para a educação são totalmente desconhecidas. Tais fatores evidenciam a necessidade de se discutir não somente a difícil dinâmica que envolve o estágio e a prática formativa de nossos estudantes fora do convívio escolar presencial, mas nos impele a olhar também para a gravidade do contexto que envolve as nossas realidades atuais. Como é do conhecimento de todos, a UFRN não possui um campo independente de estágio capaz de absorver inteiramente as necessidades de estágios supervisionados de seus licenciandos. Nesse sentido, a instituição se encontra em uma posição desafiadora, pois, se, por um lado, não pode oferecer a seus estudantes um espaço próprio de estágio, por outro, tem a fortalecido e intensificado parcerias, formando com a rede

pública de educação do Rio Grande do Norte uma área de atuação tão extensa quanto heterogênea e diversa.

A situação de pandemia, causada pela COVID-19, encontra-se ainda fora de controle no Brasil, impondo urgência e seriedade ao isolamento físico e à discussão a respeito das condições laborativas dos profissionais da educação. Essa nova circunstância de crise referente à saúde pública força o acareamento de antigos problemas que atingem a educação brasileira e que dizem respeito, na verdade, ao abismo de desigualdades sociais, racial e de gênero de nosso país. Sendo assim, a nossa responsabilidade com a formação inicial e continuada de professores deve ser a de prosseguir sem prescindir da qualidade da educação e da segurança física e profissional dos educadores do Rio Grande do Norte. Os esforços aqui empreendidos apontam, portanto, para finalidades basilares que envolvem a construção de uma rede sólida de apoio que possa garantir a eficiência do ensino-aprendizagem na formação inicial e continuada, a maturação de princípios de diversidade e de igualdade, a circulação de experiências entre estudantes em formação e profissionais atuantes e, por fim, o fluxo articulado entre teoria e prática.

Conscientes dessa responsabilidade e com o intuito de estreitar ainda mais a relação entre instituições, o GT de Estágio e representantes de diversas entidades uniram forças para a realização da segunda edição do Ciclo de Di-

álogos Universidade e Escola. A primeira edição ocorreu ao longo do mês de maio de 2019 e contou com a participação de várias instâncias e programas de formação docente da UFRN, a Secretaria de Estado de Educação e Cultura do RN, a Secretaria Municipal de Educação de Natal e mais pontualmente de quatro escolas da rede pública estadual de ensino. Teve como objetivo geral aprimorar o diálogo entre universidade e escola no âmbito da formação docente, inicial e continuada, reiterando a importância da escola na formação dos licenciandos, em especial, nos estágios curriculares obrigatórios, PIBID e Residência Pedagógica e dentre os seus resultados, produziu o documentário Primeiro Ciclo de diálogos universidade e escola que pode ser acessado no canal do GT de estágio no YouTube, juntamente com outros vídeos resultantes do II Ciclo: <https://www.youtube.com/channel/UC-wCKj0eGnn8yXVmqd0EgIQ>

Esse II Ciclo, evento, gratuito e online, objetivou fortalecer o diálogo entre a universidade e a escola no âmbito da formação docente inicial e continuada, como parte do esforço de construção colaborativa entre sujeitos e instituições diante dos desafios, limites e possibilidades da garantia do direito à vida e à educação em tempos de pandemia e contra o aumento das desigualdades sociais. A pergunta transversal O que a relação universidade escola tem a proporcionar em tempos de pandemia e pós-pandemia? orientou o Ciclo que foi organizado em três momentos realizados entre os dias 20 de julho e 29 de agosto de 2020 (a data inicialmente pensada foi ampliada), contando com uma multiplicidade de perspectivas entre discentes, docentes, pesquisadores da área de educação, coordenadores das licenciaturas da UFRN, militantes

e lideranças sociais, licenciandos e gestores de diferentes instâncias e instituições do estado. Durante esse período de ações, procurou-se solidificar, face às problemáticas atuais intensificadas pelo contexto da pandemia, princípios caros as nossas convicções institucionais, são eles: 1. reconhecimento da função social da universidade ao assumir o princípio do direito de todos e todas à vida, à saúde e à educação; 2. ação colaborativa entre os profissionais da escola, da universidade e estagiários, articulando formação inicial e formação continuada em um momento tão desafiador para o sistema público e no enfrentamento da pressão mercadológica sobre a educação; 3. valorização da experiência docente: reconhecimento da especificidade do trabalho docente como práxis e da realidade dos ambientes das instituições educativas da educação básica e da profissão para que se possa conduzir o(a) egresso; 4. estabelecimento da escola pública como ambiência prioritária da formação, reconhecida como espaços necessários à formação dos profissionais do magistério; 5. educação concebida como formação humana integral, integrada e inclusiva; e 6. comprometimento com a melhoria da formação inicial de professores para a educação básica, que ocorre nos cursos de licenciatura, com reflexão crítica, propositiva e teoricamente fundamentada, contemplando as dimensões científica, técnica, filosófica, política e afetiva de sua formação.

Nessa esteira, em que reunimos finalidades e preceitos essenciais, o presente texto propõe-se a apresentar importantes questões levantadas, mais especificamente nos segundo e terceiro momentos do II Ciclo e que se estenderam até o dia 29 de agosto. Após uma semana de intenso debate decorrente dos 10

encontros on line, intitulados “Janelas de Diálogos” - temática de Caderno de Estágio - que compuseram o primeiro momento do evento, as etapas seguintes do evento estruturaram-se a partir de outras dinâmicas. Em formato de seminário ou de reuniões, com exposições e falas espontâneas de convidados, os docentes, membros do GT de Estágio, puderam escutar diferentes entendimentos, vozes e experiências sobre o momento pelo qual a educação básica está passando no Brasil. Para tanto, conciliamos vivências de militantes e lideranças sociais, estudantes, educadores e gestores de diversas partes do estado do Rio Grande do Norte, notadamente das redes estadual e municipais de Natal e Parnamirim, bem como pontos de vista de alunos estagiários e de docentes das licenciaturas da UFRN.

Por fim, vale ressaltar que ao invés de reduzir a questão dos estágios à oferta ou não de componentes, tornou-se importante analisar fatores e forças que não somente tensionam a expectativa da formação qualificada, como também lançam o trabalho docente às sombras da precarização e do descaso público. Nesse sentido, o registro de tais experiências e perspectivas revela-se como tentativa de dar a devida densidade às circunstâncias de trabalho do professor e à degradação socioeconômica em que nos encontramos nesse tempo de pandemia. Dito isso, apresentamos dois tópicos principais. O primeiro focado no Seminário de sistematização e aprofundamento realizado no dia 30 de julho e o outro, mais sumarizado e organizado em função de questões e encaminhamentos construídos em duas reuniões realizadas, em separado, junto às Redes.

Seminário de sistematização e aprofundamento: questões e provocações

O Seminário de sistematização e aprofundamento ocorreu no dia 30 de julho e contou com a presença de diversos docentes da UFRN que atuam nos estágios, bem como professores supervisores e gestores das escolas das redes estadual e municipal do Rio Grande do Norte. O esforço de compilação desse debate, que marcou a segunda fase do II Ciclo de Diálogos: Universidade e Escola, não pretendeu esgotar as questões apresentadas, ao contrário, anseia, como já dito, fazer emergir antigas questões pelo ensejo das imposições dos novos desafios causados pela crise sanitária e de saúde pública. O documento produzido a partir dessa sistematização serviu também para embasar as temáticas da fase seguinte do evento, ou seja, o terceiro momento, cujo objetivo foi construir vias de entendimento sobre possibilidades e obstáculos para a reestruturação dos estágios supervisionados em formato remoto. A título de organização, os apontamentos foram divididos em três eixos: 1. a relação entre escola e comunidade; 2. a escola e formação inicial do licenciando e 3. as condições de trabalho do professor. Em seguida, apresentamos reflexões que foram elaboradas a partir das falas dos participantes.

O primeiro eixo foi guiado pelas seguintes perguntas. De que forma o processo de transformação/reinvenção de recursos e ferramentas pedagógicas está sendo visto durante esse período de pandemia? Até que ponto pode-se responsabilizar o professor pela transformação da educação, considerando que a ele, muitas vezes, é imputada a obrigação de encon-

trar sozinho rotas de fugas para os problemas que afligem a formação escolar? Eis algumas respostas:

- A pandemia acrescenta mais um impasse à escola. A aula remota pode ser considerada uma solução para os que possuem acesso às TICs, no entanto, ela pode se tornar um fator de agravamento da exclusão para aqueles que não têm acesso a esses recursos. Por esse motivo, a deliberação do formato remoto para educação não pode ser vista como uma opção viável, pois, por mais que nos esforcemos, nunca se alcançará equidade através da tecnologia.
- Estamos diante do fato de que muitos professores não aderiram a essa proposta por considerarem-se totalmente despreparados para lidar com uma pedagogia mediada por tecnologias digitais.
- É imperativo e urgente um olhar mais acurado para o trabalho do professor nesse período. O espaço da casa que se transforma literalmente em espaço de trabalho, além do grande esforço docente que nem sempre se traduz nos parâmetros construídos para validar o período letivo. Importante destacar que não há práticas e literaturas consolidadas no campo do ensino remoto.
- Trata-se de um equívoco pretender servir-se dos recursos tecnológicos a fim de emular o ensino presencial, mantendo uma práxis que provém da experiência convencional e que não se aplica à nova realidade.
- A pandemia acabou por rechaçar a ideia de que o ensino se resume à transmissão de conteúdos. É preciso, por mais que isso imponha grandes desafios, iniciar um processo de reformulação curricular visando uma

abordagem cada vez mais interdisciplinar e que pense o ensino tanto no espaço escolar quanto fora dele.

No segundo eixo, as dúvidas colocadas foram em relação às condições de partilha de vivências entre universidade e escola. Tendo em vista a formação inicial e continuada, quais recursos a universidade possui para contribuir com possíveis ações colaborativas em tempos de pandemia? As/os debatedoras/es pontuaram:

- A universidade deve estar em diálogo com os docentes da rede para que possam aprender juntos nesse momento de excepcionalidade.
- O estágio poderia contribuir para esse momento de reconstrução da educação básica já que esse contexto se apresenta como uma oportunidade de formação para os licenciandos e o desenvolvimento de seus estágios.
- Seria interessante pensar na criação de uma espécie de “plataforma de registro” ou “banco de relatos” para que as experiências sejam objeto de discussão e pesquisa. Desse modo, seria possível um alinhamento de formação com autoformação, em que ensino, pesquisa e extensão permaneçam interligados.
- Importante atentar também para a necessidade de se aproveitar esse momento de reestruturação para agir a partir de protocolos de ação, uma vez que ainda nos encontramos em uma pandemia sem previsão de escape. Além do mais, estamos sob o risco de outros processos pandêmicos ou situações de urgência e um código de ação seria importante para mitigar os impactos daí decorrentes.
- Por fim, considerando o lado do licenciando

estagiário, ressalta-se a importância de que todos os processos de avaliação e acompanhamento dos estágios deveriam ser revisados, a partir do novo contexto de formação.

Chegamos, enfim, ao terceiro eixo. Tratava-se de refletir sobre as más condições de trabalho do professor, um problema que vem se agravando no decorrer dos anos e que o contexto de pandemia veio acentuar. Nesse caso, foram pontuados alguns desafios:

- A incerteza das possibilidades que terá o professor supervisor, ao receber os estagiários, de lidar com as demandas da aula remota e o acompanhamento desses licenciandos.
- A pouca iniciativa em matéria de políticas públicas voltada para o trabalho do professor e para a possibilidade de sobrecarga laborativa, sobretudo na educação básica.
- Jornadas de trabalho ainda mais intensificadas, em especial, das professoras, que normalmente já acumulam rotina doméstica, cuidados com o outro e atividades profissionais, mas que, nesse momento de confinamento, em que tudo se concentra em um só espaço, encontram-se em condições ainda mais fragilizadas.
- Enfim, o momento exigia e exige prudência e um olhar atento à conjuntura, pois ainda era/é cedo para declararmos experiências exitosas com o ensino remoto. Deve-se, antes, considerar as condições de trabalho que o docente está exposto e refletir sobre como todas essas exigências podem incidir também sobre a precarização da formação inicial nos estágios.

Ainda nessa etapa, tivemos que nos deparar com informações tão importantes quanto

preocupantes dos professores supervisores no que se refere ao campo para a realização do estágio. De modo geral, demonstraram que, em um primeiro momento, haveria um número reduzido de professores se disponibilizando a assumir a função de supervisor de estágio. Outros demonstraram ainda dificuldades e limitações no uso de tecnologias e o desafio que seria incluir o estagiário nessa dinâmica. Ao mesmo tempo, entendiam que a aproximação com a nova visão e as novas tecnologias em educação com grupos de estagiários podiam em muito contribuir com o enfrentamento dos desafios encontrados. Para muitos desses professores supervisores, a aula remota tem se apresentado como algo possível, mas realmente desafiador. Colocava-se ainda o desafio de cumprimento, pelas escolas, dos protocolos para validação dos dias letivos, conforme exigência dos órgãos responsáveis, o que é mais uma questão a ser vista pelas instituições envolvidas na oferta, já que o estágio de regência só poderia ocorrer em escolas (e em turmas) onde o ensino remoto encontrava-se oficializado pelas Secretarias de Educação do estado e municípios do Rio Grande do Norte.

Por fim, outro momento decisivo do II Ciclo de Diálogos Universidade e Escola foram as reuniões com as secretarias de educação estadual e municipais de Natal e Parnamirim que reúnem o maior número de escolas campo de estágio de nossos licenciandos. Esse processo reflexivo gerou alguns encaminhamentos:

- Possibilidade de realização de Janelas de Diálogos (lives) com a participação das secretarias de educação, apresentando o cenário mais geral das redes.
- O planejamento dos estágios de forma a articular institucionalmente com as diretorias e

secretarias municipais de modo a não focar apenas em uma relação específica com a escola e ou supervisor de estágio.

- Necessidade de criação de uma ficha de acompanhamento do trabalho realizado pelos alunos que substituiria ou complementaria a ficha de frequência.
- A formação que seria realizada com a oferta dos estágios 1 e 2 permitiria que os supervisores das escolas campo de estágio pudessem ser coordenadores pedagógicos ou gestores. No estágio 1 poderia se aprofundar na dimensão de pesquisa e o estágio 2 pode ampliar a dimensão extensionista e principalmente aprofundaria as relações escola/família neste momento de atividades remotas.
- A formação mais voltada para os estágios de regência necessitaria de um aprofundamento nos conceitos de escola, aula e regência. Há uma complexidade maior já que no ensino fundamental as tele aulas já estariam prontas e disponibilizadas na TV. As possibilidades de validação terão de ser construídas pelas duas instituições, no diálogo e ao longo do próprio processo;
- Há uma riqueza de atividades, projetos e práticas pedagógicas que estão sendo construídas e desenvolvidas pelas escolas e professores/as o que tem evidenciado a necessidade de identificação e registro dessas diversas experiências;
- Ficou evidenciada a importância de se construir uma rede de relações mais colaborativas e solidárias entre a universidade e a educação básica, o que também pode se concretizar com o projeto de criação de uma REDE COLABORATIVA, que fortaleça

as ações e diálogos entre a universidade e as escolas/instituições parceiras durante e após a pandemia e materialize-se também como registros destas ações em uma plataforma digital.

Por fim, foram amplamente discutidas no âmbito do GT de Estágio, as estratégias para acompanhamento e registro da experiência da oferta de Estágio no Formato Remoto ao longo do Semestre 2020.1/2020.6, sendo este registro e sistematização conteúdos da próxima edição do Caderno de Estágio que terá como temática o Ensino Remoto.

Alexandre da Silva Aguiar

Danielle Grace Rego de Almeida

Josivânia Marisa Dantas

Vânia Aparecida Costa

Wilson Elmer Nascimento

Agradecimento às leituras críticas de Paulo Souto Maior e Daniela Amaral Feritas.